

SABERES E FAZERES DA ENCRUZILHADA: projeto pedagógico da mini comunidade oba biyi, um legado ao encontro da lei 11.645

Antonio Marcos Dos Santos Cajé

Resumo: O artigo presente procura evidenciar a proposta do Projeto Pedagógico Oba Biyi, que conta a história dos negros através dos contos africanos, buscando resgatar, preservar e propagar a cultura africana e afro-brasileira, levando em consideração as vivências de uma comunidade negra que preserva as raízes africanas. Para a composição do referencial teórico, utilizaram-se alguns intelectuais que tratam da educação de forma pluricultural, enfatizando a relevância do resgate da cultura africana e da experiência de se inserir no currículo escolar a História da África e da Cultura Africana e Afro-Brasileira, destacam-se dentre estes Deoscoredes M. dos Santos e Marco Aurélio Luz, Paulo Freire, Claudio Orlando entre outros. A metodologia utilizada bibliográfica.

Palavras chaves: Educação; Pluricultural; afro-brasileiro.

Abstract: his article evidences the proposal of the Oba Biyi Pedagogical Project, which has a history of blacks through Africans, seeking to rescue, preserving and proposing an African and Afro-Brazilian culture, taking into account the experiences of a black community that preserves as African roots. For the composition of the theoretical referential, some intellectuals that deal with education in a multicultural way, focusing on Afro-Brazilian culture and culture, were used, such as Deoscoredes M. dos Santos and Marco Aurélio Luz, Paulo Freire, Claudio Orlando among others. A bibliographical methodology used.

Keywords: Education; Pluricultural; Afro-Brazilian.

INTRODUÇÃO

Antes de iniciarmos nossa discussão acerca do conteúdo epistemológico do artigo é necessário conhecer um pouco de Mestre Didi um dos fundadores do projeto Oba Biyi. Seu legado foi magnífico, posso afirmar que O Mestre foi um homem temporal, um intelectual orgânico foi escritor; artista plástico com seu trabalho sendo reconhecido por grandes museus do mundo, sacerdote dos cultos aos egungun. Mestre Didi, Deoscoredes Maximiliano dos Santos, nascido em 02 de dezembro de 1917. Sua mãe, Maria Bibiana do Espírito Santo — a Mãe senhora, substituiu a sua antecessora Eugênia Anna dos Santos, Mãe Aninha — Iyá Obá n'ílê Opô Afonjá. Seu pai, Arsênio dos Santos, era alfaiate. Após cinco gerações, continua a linhagem dos

Axipá — uma das sete famílias fundadoras da cidade de Ketu, na Nigéria, descendente de Rei e de grandes caçadores e desbravadores das nações de Oió e Ketu. Mestre Didi teve uma infância entre a Ilha de Itaparica e o Pelourinho — casa de Mãe Aninha¹. Chamado na época pelos mais velhos de o *Omo bibi*, “bem-nascido”.

Como sacerdote Alapini supremo, em 1980 fundou o Ilê Axipá, “a comunidade terreiro reúne eguns das linhagens dos Axipá, os zelados pelos antigos, Mestre Didi da família Theodoro Pimentel, Marcos e Arsênio respectivamente, e os zelados pelos descendentes de Miguel Sant’Ana, Ojé Orepê” (SANTOS, 1997). O Axipá foi construindo primeiramente em uma casa de taipa, no atual Bairro da Paz, em meio às construções o Axipá desenvolveu um laço forte com a comunidade, desenvolvendo diversas atividades que reúnem seus membros. Mestre Didi, em 14 de dezembro de 1999, seria o primeiro sacerdote afro-brasileiro a receber o título de Doutor Honoris Causa, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), pelo reconhecimento e o talento de sua produção artística e literária. A proposta do título foi elaborada pelo Centro de Estudos Afro Orientais (CEAO) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, com parceria do Departamento de Antropologia.

Retornando a origem do projeto seu nome Oba Biyi foi uma homenagem a Senhora Eugenia Anna dos Santos, conhecida como Mãe Aninha do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá em Salvador, no bairro de São Gonçalo do Retiro Ilê Axé Opô Afonjá, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 28 de julho de 2000. O Mestre Didi, escolheu o nome de Mini comunidade Oba Biyi, para o projeto de Educação Pluricultural. Seu objetivo era contextualizar as relações comunitárias de origem africana com as instituições “neocolônias de origem europeia”, essa homenagem é simplesmente singular, pois Mãe Aninha primeiramente de ser de origem da nação Grunci, e mesmo cultivar entidades de seu povo de origem no entanto foi iniciada pela principal sacerdotisa de nação nagô, prima da Iyanassô e que tornou a Iyalorixá do tradicional Ilê iyá Omi Axé Airá Intilé da senhora Marcelina da Silva, Iyá Oba Tossi. Mãe Aninha era da Irmandade do Rosário, responsável pela limpeza anual dos altares da Igreja do Bonfim. Participou do II congresso Afro-brasileiros em 1935, convidada por Edison Carneiro.

¹ Informação encontrada no livro de Mestre Didi — História de um terreiro Nagô. **Koan**: Revista de Educação e Complexidade, n. 6, jun. 2018. ISSN: 2317-5656

O projeto Mini comunidade Oba Biyi (1976 - 1986), não seria uma referência se não estivesse o apoio, ou melhor nascido de um grupo de estudo da Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil- SECNEB, com apoio incondicional de Juana Elbein dos Santos e Marco Aurélio Luz.

Encruzilhada da Educação Pluricultural

A proposta de uma educação pluricultural no contexto da realidade afro-brasileira foi desafio no aspecto de promover uma linguagem pedagógica que estabeleça uma relação dinâmica entre os valores sociocomunitários da tradição, e os regulamentos da sociedade oficial da época, exigindo e assegurando nesta relação o direito à identidade própria, sendo assim, se constrói no domínio da Mini Comunidade Oba Biyi, uma estratégia para no contexto da pluriculturalidade, formar indivíduos capazes de interagir, de conhecer de vivenciar com seus símbolos tradicionais e não convencionais de uma sociedade industrialmente construída no estereótipo europeu, com a educação do projeto Mini Comunidade Oba Biyi, o resgate da cultura e da história do povo negro ressurgem em um âmbito superando obstáculos do colonialismo indômito.

A concepção e linguagem socioeducativa criada por Mestre Didi, estava relacionada a dinâmica civilizatória da tradição nagô, de onde ele procurava inspiração para gerar o cotidiano curricular da Mini, influenciando, determinando códigos, refletindo de tal modo que não excluísse a identidade das crianças. A preeminência colocado por Mestre Didi no projeto Mini Comunidade Oba Biyi, dos valores e linguagens da comunidade em relação à linguagem e aos valores eurocêntricos e neocolônias da educação oficial, era o mesmo para as linguagens e valores da cultura africana, foi através dos contos legado da tradição que o Mestre tornou a educação pluricultural ativa, foi pelos contos orais e escritos, sejam eles baseados em mitos ou nos orixás, esses são os itans² e fazem parte de sistemas oraculares, fazem parte da cultura oral e da memória do povo negro. Alguns contos o Mestre Didi criou, e são encontrados em alguns de seus livros a exemplo de Contos Nagô, Contos Negros da Bahia e Contos de Mestre Didi. A história, através da análise dos contos afro-

² A palavra nagô itán designa não só qualquer tipo de conto, mas também essencialmente os itán, histórias de tempos imemoriais, mitos, recitações.

brasileiros que tornam esses dois polos uma possibilidade de reflexão crítica da cultura em relação com o indivíduo nos espaços sociais. Diante disto, destaca-se:

Uma história da literatura é, pois, uma história das diferentes modalidades da apropriação dos textos. Ela deve considerar que o mundo do texto, usando os termos de Ricoeur, é um mundo de objetos e de *performances* cujos dispositivos e regras permitem e restringem a produção do sentido. Deve considerar paralelamente que o mundo do leitor é sempre aquele da 'comunidade de interpretação (segundo a expressão de Stanley Fish) à qual ele pertence e que é definida por um mesmo conjunto de competências, de normas, de usos e de interesses. O porquê da necessidade de uma dupla atenção: à materialidade dos textos, à corporalidade dos leitores (CHATIER, 2002, p. 255-257).

Haja vista que a literatura se constitui por variadas ramificações, sendo assim, nosso trabalho ficará restrito ao viés dos contos literários. Para que a oralidade se manifeste por um conto e preencha a suas funções como processo de memória e acervo histórico, temos que compreender que a oralidade é construída e ressignificada há séculos em vários países do continente africano, incluindo elementos políticos e sagrados.

Marco Aurélio Luz na citação abaixo esclarece a relevância dos paradigmas educacionais para uma libertação significativa dentro do contexto da educação pluricultural ele diz:

Numa outra linguagem, podemos dizer que não é apenas o ethos, mas sobretudo o eidos, a dimensão ôntica de um processo de continuidade histórica transcontinental. Esse processo também não só qualifica e constitui as identidades no bojo da comunidade, mas também e, sobretudo possui uma vocação de sabedoria universalizante voltada não só para o ser humano nagô, mas para o ser humano em geral. É um processo que funda na tradição nagô, mas o nagô é um ser humano que contribui com suas elaborações culturais milenares para a própria continuação da espécie humana, sua preservação e verdadeira evolução existencial (SANTOS; LUZ, 2007, p.53).

O projeto Mini comunidade Oba Biyi, ao longo de sua existência, teve apoio e convênio, para manutenção do mesmo, obteve apoio do Mec na gestão de Eduardo Portela, teve convênio com LBA- Legião Brasileira de Assistência, a comunidade, conseguiu fornecer três refeições regulares, suplementando a merenda escolar e o matéria didático do MEC-prefeitura, com essa assistência o atendimento teve prontidão para creche para crianças de 6 meses a 2 anos, e a pré-escola para crianças até os 7anos.

O projeto desenvolveu com maestria ações afirmativas que foram além da experiências na comunidade, e que sirva de material para pesquisa, para desenvolverem estudos que beneficie a formação acadêmica, pois assim formam-se educadores preparados que contem a história do Brasil sem excluir povos, sem uma educação repressora, que visa inteiramente o eurocentrismo, de fazer políticas-públicas que segregam que não oferece oportunidades educacionais para todos. Com isso combatendo, dessa forma, as desigualdades sociais que perduram há séculos, para o povo negro, vitimizando a população negra que mesmo com tantos obstáculos e crueldade, consegue resistir. É através sua ancestralidade, do respeito aos mais velhos que são os verdadeiros guardiões da cultura da África, são pessoas que sabem da importância dos valores e tradições da herança cultural africana, pessoas que travam lutas com essa sociedade para manter vivas essas raízes e contar a verdadeira história do negro no Brasil. É diante desta perspectiva que a encruzilhada da educação pluricultural se desenvolveu na Mini comunidade Oba Biyi. É através dos contos afro-brasileiros de Mestre Didi aparecem como uma educação híbrida, ou seja: pluricultural, e nessa educação que encontramos nossa memória e história, e com o polo da literatura nos mesclamos e interpenetram-se, desempenhando papel importante para a humanidade. O conto traz uma ressignificação da construção dos saberes orgânicos populares e da historicidade. Um exemplo de um conto didático de Mestre Didi, como instrumento para compreender a história seria esse:

O senhor e o escravo

Uma vez, dois homens viajavam em caminhos diferentes um do outro. Um dia se encontraram, e o primeiro disse se chamar *Ninguém Prospera na minha Proximidade*, e o outro *Quem Tem Que Prosperar Na Vida, Prospera*, o primeiro era senhorio, e o segundo escravo. Assim, lá se foram os dois para a fazenda, até que um dia o escravo conseguiu juntar um dinheiro e comprou uma galinha que tarde deu muitos pintos. Vendo o senhorio que daquela o seu servo teria algumas vantagens mais do que ele, um dia, inesperadamente, matou a galinha e todos os seus pintos. Quando o escravo voltou da roça onde ia trabalhar todos os dias e viu a galinha com os pintos mortos, não se desesperou, limitou-se em louvar a Deus. Conformado com sua sorte momentânea apanhou-os e colocou-os para secar. Em seguida, guardou os ossos no telhado da casa onde morava. Passados dias, comprou uma ovelha; mais tarde, o animal lhe deu muitos filhos. Num dado dia, o senhor de novo matou a ovelha, inclusive os filhos. Vindo o escravo da roça do seu senhor, deparou-se com aquele ato de perversidade. Sem mais nem menos, disse:

— De qualquer forma, abaixo de Deus, tenho que prosperar, aconteça o que acontecer.

O senhorio, ouvindo, deu uma grande gargalhada, achando graça no ditado do seu servo. O escravo, resistindo com inabalável fé, apanhou as ovelhas, botou-as para secar e guardou os ossos junto com a galinha e os pintos no telhado da casa. Confiando no seu destino e muito satisfeito, conseguiu mais uma vez juntar em mão do seu senhor uma certa quantia. De súbito, como quase todos os anos acontecia, apareceu em uma das praças mais movimentadas da cidade um pessoal oferecendo a ossada de um príncipe que tinha morrido na guerra e que tinham por dever de levar seus despojos ao rei. Como sentiam a falta de recursos para a viagem, resolveram vender os ossos para dividir entre eles o produto. Assim executaram o plano acertado, porém como de costume se dava, o senhor dos escravos, sabendo do ocorrido, apressou-se em usar o dinheiro do escravo, fazendo a compra dos restos mortais de uma pessoa estranha. Quando o escravo chegou da roça, o seu senhor pessoalmente lhe fez ciente de que tinha aproveitado o seu dinheiro para lhe comprar uns ossos de defunto, cujo defunto era príncipe. O pobre escravo ficou de tal forma que chegou a perder os sentidos. Voltando a si replicou-lhe:

— Deus é grande, quem tem que prosperar, prospera vencendo todos os sacrifícios e obstáculos da vida — guardando os ossos do defunto juntamente com os da galinha e da ovelha no telhado da casa. Passando muito tempo, um dia o rei mandou anunciar que se alguém tivesse galinhas e pintos secos, já com uns dois para três anos de mortos, levassem à sua presença que era para um ebó, a fim de secar a epidemia que alastrava naquela época. Ele o escravo apressou-se em apresentar a galinha e os pintos. Este gesto de humanidade dele pela salvação pública foi de tão grande benefício, que o rei lhe determinou dividir um terço do seu território, para ele receber os impostos tributários ficando assim de uma noite para o dia, já quase senhor daquela terra, e o seu antigo senhor, como um atento e humilde servidor. Tempos depois, houve novo anúncio; desta vez foi para quem tivesse ovelha seca apresentá-la a um rei de nação vizinha. O escravo quando soube, ofereceu as ovelhas. Vendo o rei aquela benevolência caritativa, a fim de servir o público nas grandes enfermidades que atormentavam o povo fez vir à sua presença o felizardo cativo de outras épocas e lhe declarou que daquela hora em diante ele era o dono de um terço daquele reino. Passados os tempos apareceu um novo aviso, comunicando que quem tivesse a ossada de um príncipe que tinha sido morto na guerra há muitos anos se apresentasse ao rei de outra terra vizinha. Assim que foi o grande e vitorioso servo perseguido de outros tempos, avisado sem demora, fez-se chegar ao rei daquela nação acompanhado da ossada, em recompensa da qual o rei lhe deu um grande donativo e lhe conferiu o maior título já alcançado por qualquer pessoa daquela terra. Tornou-se assim o escravo o homem mais feliz do mundo sem desejar nenhum mal ao seu antigo senhor uma vez que ele, com seu espírito de perversidade, contribuiu em parte para sua riqueza e felicidade (SANTOS, 2004, p.35).

Segundo Freire “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade,
Koan: Revista de Educação e Complexidade, n. 6, jun. 2018. ISSN: 2317-5656

como inconclusão em permanente movimento na história” (FREIRE, 1996, p. 136). Existe uma importância narrada pelo conto afro-brasileiro que é retratar o dia a dia do homem e da mulher; e inserir nos contos enredos de ensinamentos através de um dinamismo no qual se transmite valores que reconstróem e moralizam os passos dos sujeitos na vida cotidiana e no convívio com a natureza. Outra grande questão, é que nos contos afro-brasileiros, de maneira geral, e do Mestre Didi, especificamente, essa natureza guarda em seu imaginário fantástico premissas do possível, humanizando e ensinando seus saberes orgânicos com referências dos ensinamento africanos, tendo como base a ocupação cognitiva e epistêmica da tradição oral que é conduzida na sua totalidade.

Na construção do conhecimento da educação pluricultural a composição dos contos de Mestre Didi foi elemento chave, para essa pedagogia ancestral, a literatura oral e a escrita assumem com singularidade a formação do sujeito, pois os contos não somente assumem o fictício, as fábulas, como também são construídos pelos fatos do cotidiano, das histórias reais, da geografia local, como assevera Ginzburg, na citação abaixo, na qual podemos associar que a literatura é fundamentadora do processo histórico:

Até há pouco tempo a grande maioria dos historiadores via uma nítida incompatibilidade entre acentuação do carácter científico da historiografia (tendencialmente assimilada às ciências sociais) e reconhecimento da sua dimensão literária. Hoje, no entanto, este reconhecimento torna-se cada vez mais extensivo também a obras de antropologia ou sociologia sem que isso implique necessariamente um juízo negativo da parte de quem formula. Aquilo que em geral é sublinhado, porém, não é o núcleo cognitivo que se pode encontrar nas narrações de ficção (por exemplo, as romanescas), mas sim o núcleo fabulatório que se pode encontrar nas narrações que se pretendem científicas — a começar pelas historiográficas (GINZBURG, 1989, p.194).

Assim sendo, salientamos que os contos de Mestre Didi educam na perspectiva antropológica e sociológica, pois logo após uma longa viagem pela África, na Nigéria, ele lança seu livro *Contos de Nagô*, e na elaboração historiográfica podemos observar que em seus contos a história local é bastante presente e a diáspora que encontramos com visibilidade consiste na herança africana para a formação do povo brasileiro.

Pluralidade Cultural e Educação

O projeto Mini Oba Biyi, fundamenta-se nos valores que enfatizam o desenvolvimento da lógica, no viés de sentir e de abarcar suas nuances, suas dimensões lúdicas e estéticas do existir, de lançar um olhar dimensional e estruturante no que envolve o indivíduo, com suas vivências, e implicações, suas histórias de vidas e sua formação constitutivas nas diversidades do ser e do sendo. Este indivíduo seja ele particular ou singular é ao mesmo tempo um ser social e coletivo que está em movimento constante. Neste ideal que o fazer pedagógico do projeto, assumi um novo protagonismo sociopolítico e socioeducacional, diante da história, buscou uma perspectiva diferenciada de fazer a educação e através dela desenvolver um processo emancipatório, de incluir no cenário proposto uma equidade social. Como diz Boaventura de Souza Santos (1996)

O objetivo principal de um projeto educativo emancipatório consiste em recuperar a capacidade de espanto e de indignação e orientá-lo para a formação de subjetividades inconformistas e rebeldes. Ele tem que ser por um lado um projeto de memória e de denúncia e por outro, um projeto de comunicação e cumplicidade. Nesse sentido, o projeto educativo emancipatório significa a educação para o inconformismo, para um tipo de subjetividade que recusa a trivialização do sofrimento. 'A educação para o inconformismo tem de ser ela própria inconformista' (SANTOS, 1996, p. 26).

É importante destacar que a Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, já foi regulamentada, o que acarretou entre outras medidas, a implementação de disciplinas específicas de História da África em várias universidades no País, o que sem dúvida acarreta a formação de professores mais preparados para tratar da questão da diversidade pluricultural no Brasil. Tratando especificamente da obrigatoriedade do ensino da história e da cultura das populações nativas na educação básica brasileira, percebe-se que esse instrumento jurídico, a partir da Lei 11645/08 também representa um grande passo em direção a uma educação mais plural com originalidade da cultura e dos povos afro-brasileiros e indígenas. Como diz Mestre Didi e Marco Aurélio:

Para tanto a comunidade guarda um acervo de sabedoria profundo, acumulado através de um processo civilizatório muito antigo, selecionado, renovado, e guarnecido pelos mais antigos. Essa sabedoria é transferida ou transmitida gradativamente por toda vida e no âmbito de dinâmica comunal de geração em geração e de acordo as necessidades do fluxo do destino individual. Os conceitos básicos que estruturam a visão de mundo da comunidade, sua cosmogonia e seus desdobramentos de conhecimento se caracterizam por formas de comunicação e ação totalmente diferentes, constituída por uma estética de composição sinestésica, pela combinação dos sentidos, pelo emocional lúdico na forma de elaboração do conhecimento (SANTOS; LUZ, 2007, p.48).

O projeto Mini Oba Biyi, também passou por percalços, estruturais por exemplo; a prefeitura de Salvador, tinha um convênio com o projeto, de fornecer funcionários e professores, para o melhor desempenho, no entanto este quadro não foi preenchido de maneira adequada, mesmo assim o projeto junto com a pedagoga Maria das Graças Santana, que possuía uma experiência bastante significativa na área e na cultura nagô, formou um grupo de professores na trabalharem no projeto.

A escola contemporânea deve preservar, por intercessão do seu currículo a consciência e o respeito pela cidadania, de forma a conter não somente seus arredores, mais também estabelecer através da diversidade da educação pluricultural, indivíduos múltiplos, compreendam sua existência no contexto de suas raízes ancestrais, de suas relações identitárias. Foi nesta perspectiva que o projeto Mini comunidade Oba Biyi construiu seu currículo dentro da história africana, afro-brasileira, da cultura nagô, da literatura oral, dos seus símbolos e signos, da sua musicalidade entre outros. O momento da criação e da elaboração, e do desenvolvimento do projeto Mini comunidade Oba Biyi seu legado para uma educação pluricultural, foi um impulsor da lei das Leis 10.639 e 11.645 e sua obrigatoriedade na Educação Básica, os professores ficaram com a responsabilidade, não só de trabalhar esses conceitos, mas de criar estratégias para que possa haver uma mudança de princípios e de comportamento que será possibilitada através da articulação dos conteúdos diários com os temas abordados nas Leis.

Portanto, a Mini comunidade Oba Biyi, é sinônimo de resistência. É memória. É história dos povos negros.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 03 Jun. 2014.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação. 1996.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

DIDI, Mestre. **Contos negros da Bahia e contos de Nagô**. Salvador: Corrupio, 2003.

DIDI, Mestre. **História da criação do mundo**. Ilustração Adão Pinheiro. Olinda, [s.n.] 1988.

DIDI, Mestre. **História de um terreiro Nagô**. São Paulo: Carthago & Forte, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. São Paulo: DIFEL: BERTRAND, 1989.

SANTOS, M. Deoscoredes, LUZ, Marco Aurélio. **O rei nasce aqui-Oba Biyi, a educação pluricultural africano-brasileira**. Salvador: Fala Nagô, 2007.

SANTOS, M. Deoscoredes. **Contos crioulos da Bahia**. Salvador: Núcleo Cultural Niger Okán, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para Uma pedagogia do conflito. In: SILVA, Luiz H. *et al.* (Orgs.) **Novos mapas culturais - novas perspectivas educacionais**. Porto Alegre: Sulina, 1996.

Notas sobre o autor: Sou Mestre em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Colaborador da SECNEB – Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil, professor e escritor de quatro obras literárias: Afrocontos: Ler e ouvir para transformar em 2014, Igbo e as

princesas em 2016, Amali e sua história em 2017, Zula a guerreira em 2018. E-mail: marcoscaje8@gmail.com